

CRIANÇAS QUILOMBOLAS: SUJEITOS (IN)VISÍVEIS NAS “DOBRAS DO IMPOSSÍVEL”

Márcia Lúcia Anacleto de Souza¹

Introdução

A infância brasileira envolve múltiplas experiências e interações inventivas, lúdicas, indagadoras, em que as crianças elaboram significados para o mundo que as cerca, as relações sociais, a compreensão do outro, de si e seu grupo. A infância quilombola, que nos diz dessa multiplicidade, evidenciam que as culturas infantis são realidades atreladas ao território e ao grupo em que vivem e onde brincam, sobem em árvores, nadam, correm, jogam em grupos grandes e pequenos.

Durante a pesquisa intitulada “Ser quilombola: identidade, território e educação na cultura infantil”², diante do desafio de compreensão da infância nos quilombos, indaguei sobre a visibilidade/invisibilidade das crianças dos quilombos na produção de conhecimento. Em levantamento de teses e dissertações nacionais, constatei um reduzido número de pesquisas (seis dissertações e duas teses), indicando um lugar de invisibilidade desta infância.

“Nas dobras do impossível”: culturas infantis quilombolas e suas (in)visibilidades

As crianças quilombolas compõem grupos negros com trajetória histórico-social que remonta à escravidão, independente de situações de terra ocupada, comprada, recebida por doação ou decorrente de mudanças territoriais. São grupos que partilham de memória comum referida a uma ancestralidade, à existência de um território onde vivem e do qual se sustentam ao longo de anos, décadas e/ou séculos. Além disso, mantem-se em relação com a sociedade envolvente na atualidade, em cidades, fazendas, regiões metropolitanas, áreas litorâneas, turísticas ou governamentais.

As pesquisas elencadas trazem experiências de quatro das cinco regiões brasileiras, sendo duas na região Sul, duas na região Sudeste, duas na região Centro-Oeste e duas na região Nordeste. Certamente, representam poucas realidades, frente as 2474 mil comunidades quilombolas certificadas em nosso país até fevereiro de 2015³.

As crianças pesquisadas compõem um coletivo infantil na faixa etária dos quatro aos catorze anos de idade, observadas em espaços de educação escolar e nos territórios quilombolas. Em relação à etapa da educação, Leite (2009) e Macêdo (2008) apontaram a existência de salas de educação infantil onde pesquisaram. As demais pesquisas descreveram escolas de ensino fundamental, organizadas em série e também multisseriada.

Leite (2009) analisou a construção do pertencimento étnico-racial e a efetivação das políticas públicas para a diversidade no universo da escola no quilombo Lagoa Trindade, no município de Jequitibá – MG. A pesquisadora buscou entender a relação entre a visão das crianças sobre o lugar onde moravam, sobre si, sua história e ancestralidade, e a escola como espaço de educação. Para tanto, percorreu o território quilombola, observando as crianças em espaços de festas, nas brincadeiras e na relação com os adultos, com quem conversou a fim de compreender a história da

¹ UNICAMP, Campinas, SP, Brasil. E-mail: negramarsea@gmail.com.

² Este texto é parte das reflexões presentes na tese intitulada “Ser quilombola: identidade, território e educação na cultura infantil”, defendida em dezembro de 2015, na Faculdade de Educação/UNICAMP, junto ao GEPEDISC – linha Culturas Infantis do Departamento de Ciências Sociais na Educação

³ Dados da Fundação Cultural Palmares.

comunidade. Neste percurso, apreendeu os símbolos com que as crianças construíam o seu pertencimento enquanto sujeitos daquele lugar. Analisou a importância de ser de Lagoa Trindade, a ancestralidade que informava a origem e manutenção do grupo.

Mas, ao observar e ouvir as crianças na escola, Leite (2009) compreendeu que a diversidade cultural que as constituía era abordada apenas como folclore pela instituição. Um exemplo foi a folia de reis, uma das manifestações culturais da comunidade relatadas pela autora, e que foi trabalhada pela escola como o exótico, o distante, passível de aceitação, mas não de diálogo, de encontro, de aprendizagem.

A pesquisa de Macêdo (2008), na comunidade quilombola de Araçá/Caraicá, no município de Bom Jesus da Lapa – BA, evidenciou que, apesar da iniciativa docente de aproximação com a história e cultura do quilombo, permaneciam dificuldades em dialogar com a temática étnico-racial. De um lado, as crianças denunciavam xingamentos racistas e preconceito racial dentro da escola, e de outro, as professoras apontavam não possuírem formação inicial e continuada para o trabalho com a educação das relações étnico-raciais.

No trabalho de Santos (2008), as dificuldades da escola no trato com a diversidade étnico-racial foram apresentadas a partir do estudo realizado na comunidade quilombola do Muquém, em União dos Palmares/AL. A escola da comunidade, embora se situasse na grande região do antigo Quilombo dos Palmares, e tivesse em seu currículo a disciplina Cultura Palmarina, não conseguia realizar um trabalho de valorização da identidade étnico-racial da criança negra e quilombola do Muquém. Durante a pesquisa, analisou que a criança negra e quilombola ainda almeja ser branca, ter seus cabelos lisos, e agrega sua corporeidade a aspectos negativos, como a pobreza, a sujidade, o que é feio e deve ser recusado.

Os trabalhos de Carvalho (2008), Paula (2014), Santos (2010) e Spindola (2008), embora tenham perpassado a escola, abordaram a infância e as crianças quilombolas a partir do brincar e das brincadeiras, dos jogos e das festas como elementos culturais que contribuem para construir o sentido de pertencimento nas comunidades, estruturando as relações sociais nos grupos.

A pesquisa de Carvalho (2008) envolveu o quilombo do Mutuca, em Nossa Senhora do Livramento/MT, considerando a concepção de brincadeira e jogo como fenômenos culturais a partir dos quais compreendemos o ser humano. A pesquisadora percorreu diferentes lugares e tempos de brincar, em que adultos e crianças construíam suas relações. A escola foi descrita como mais um espaço, que conquistado pela comunidade quilombola, é parte da casa de cada um. Segundo a pesquisadora,

A identidade étnico-cultural é reconhecida entre os iguais, o que facilita transformar a escola em um ambiente menos discriminatório e mais alegre, refletido nas diversas expressões do brincar e da brincadeira. (p. 102).

A pesquisa realizada por Santos (2010), na comunidade quilombola de Bombas (Iporanga-SP), região do Vale do Ribeira paulista, descreveu e analisou a ludicidade presente nas práticas sociais e culturais do grupo. Segundo a pesquisadora, seu trabalho envolveu a compreensão da relação entre lúdico, cultura, educação e comunidades quilombolas de maneira articulada e interdependente. Ao entender a história da comunidade, Santos (2010) apresenta a dimensão lúdica do grupo, que permeia a educação e a cultura, as ações dos sujeitos e sociabilidades.

Na pesquisa, Santos (2010) foi conduzida pelas crianças à aprendizagem das brincadeiras, dos causos, das músicas, e da convivência com os adultos do território. As crianças foram suas companheiras de viagem e se tornaram sujeitos ativos na pesquisa. A escola foi mais um dos lugares observados com relação à dimensão lúdica na cultura e no grupo, mas que também se

mostrou um espaço alheio, no qual é necessário reconstruir padrões culturais e práticas educacionais estabelecidas.

No trabalho de Spindola (2008) observa-se preocupações em torno dos fazeres e viveres infantis, analisados por meio das concepções contemporâneas de infância dos teóricos da Sociologia da Infância. A pesquisa percorreu os quilombos de Furnas de Dionísio e Furnas da Boa Sorte, no Mato Grosso do Sul, observando o brincar das crianças e as formas como ocupam seus territórios quilombolas. Spindola (2010) também adentrou no espaço escolar que existe dentro das comunidades estudadas, a fim de entender as relações entre as crianças. Observando as relações escolares e aquelas dentro da comunidade quilombolas, construiu um quadro de brincadeiras, histórias e cantigas existentes no quilombo, as quais foram elaboradas e reelaboradas ao longo dos anos, o que possibilitou encontra-las na memória dos adultos. Assim, seu trabalho nos orienta no entendimento da multiplicidade da infância quilombola e brasileira.

As pesquisas de Carvalho (2008), Santos (2010) e Spindola (2008) nos inserem na compreensão do fenômeno da infância através da ludicidade, do brincar e dos jogos existentes dentro de comunidades quilombolas, localizadas em diferentes regiões brasileiras. Apesar de se constituírem em apenas três investigações, oferecem um quadro de situações análogas e dessemelhantes que, mais uma vez, corroboram os estudos da multiplicidade da infância, além de evidenciar as possibilidades encontradas pelas crianças em meio às desigualdades sociais e ao racismo que seus grupos experienciam cotidianamente.

As situações são análogas, na medida em que, envolvem comunidades quilombolas construindo e vivendo suas culturas a partir de relações de parentesco, a permanência em terras ocupadas há décadas, a referência a uma ancestralidade e a construção coletiva do pertencimento identitário. As dessemelhanças se manifestam na elaboração de diferentes formas de ludicidade e de educação formal existente. Em Mutuca, por exemplo, a professora era quilombola e parente das crianças. Em Bombas, a escola, embora estivesse no quilombo, era protagonizada pela visão de mundo e concepções de pessoas externas à comunidade. Dentre essas, muitas estavam de passagem, e por vezes, não compreendiam a territorialidade das comunidades, a relação que possuíam com o lugar, a dimensão cultural de suas vidas e a condição negra.

A pesquisa de Paula (2014), realizada nas comunidades de Morro do Fortunato e Aldeia, em Garopaba-SC, observou os processos educativos vivenciados pelas crianças de 4 a 6 anos, dentro de seus grupos e nos espaços de Educação Infantil. A pesquisa revelou que cada comunidade quilombola produz cultura e educação diversa, e que os espaços de educação formal ainda possuem se constituem em lugares em que as crianças têm as primeiras experiências com a discriminação racial.

No entanto, durante a análise das interações infantis numa sala de Educação Infantil, Paula (2014) concluiu que as crianças quilombolas elaboravam estratégias de enfrentamento a estes processos de exclusão racial. Para ela, as crianças resistiam e enfrentavam tais processos a partir das experiências de afirmação da identidade negra e quilombola vivenciadas no interior dos quilombos.

Assim, entre a visibilidade e a invisibilidade, o que as pesquisas apontam são as muitas formas de ser criança, a relação entre protagonismo infantil e experiências de educação dentro e fora dos quilombos. As pesquisas explicitam crianças que falam e são visíveis em seus grupos. Crianças que, nas frestas da invisibilidade, protagonizam a construção das muitas maneiras de viver a infância, elaborando representações sociais e construindo sentidos para as relações vividas dentro e fora dos quilombos. Dentre as pesquisas elencadas, observou-se que as culturas infantis das crianças quilombolas são perpassadas pelo diálogo com as vicissitudes da identidade étnico-racial, o enfrentamento das desigualdades sociais, a valorização da tradição e da história. Nas “dobras do impossível”, as crianças quilombolas vivem a infância, produzem

cultura e evidenciam as muitas formas de ser no mundo, de pensar o significado da infância e de ser criança na pós-modernidade.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete e OLIVEIRA, Fabiana de. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: BENTO, Maria Aparecida S. (Org.). **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. SP: CEERT, 2011, p. 47-64.

CARVALHO, Cláudia C. F. **Ser no brincar, o brincar de ser o grupo**: um estudo sobre a noção de pertença numa comunidade negra do mutuca em Nossa Senhora do Livramento – MT. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação), Cuiabá, UFMT, 2008.

CORSARO, Willian A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**, Campinas: SP, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005.

DELALANDE, Julie. Aprender entre crianças: o universo social e cultural do recreio. In: LOPES, Jader J. M., MELLO, Marisol B. de. (Org.). **O jeito que nós crianças pensamos sobre certas coisas**: dialogando com lógicas infantis. RJ: Rovelte, 2009, p. 23-41.

FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, 3. ed. (1961, 1. ed.).

FINCO, Daniela; FARIA, Ana Lúcia G. **Sociologia da Infância Brasil**. Campinas: SP, Autores Associados, 2011.

GOMES, Nilma L. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008 (2. ed.).

GUSMÃO, Neusa M. M. de. Socialização e recalque: a criança negra no rural. **Cadernos Cedex**, Campinas, n. 32, 1993.

LEITE, Gisélia M. C. **Políticas Públicas e olhares sobre a diferença**: a criança quilombola na instituição escolar e em outros espaços educativos de lagoa Trindade (Jequitibá – MG). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Belo Horizonte, PUC-MG, 2009.

MACÊDO, Dinalva. **O currículo escolar e a construção da identidade étnico-racial da criança e do adolescente quilombola**: um olhar reflexivo sobre a auto-estima. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Salvador: UNEB, 2008.

OLIVEIRA, Fabiana; ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane C. A criança negra, uma criança e negra. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma L. **Educação e raça**: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 75-96.

SANTOS, Ana Cristina C. **Escola, família e comunidade quilombola na afirmação da identidade étnica da criança negra**. 2008, Dissertação (Mestrado em Educação). Maceió: Centro de Educação/PPG/UFAL, 2008.

SANTOS, Maria W. dos. **Saberes da terra: o lúdico em Bombas, uma comunidade quilombola (estudo de caso etnográfico)**. 2010. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Faculdade de Educação/USP, 2010.

SARMENTO, Manuel J. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educação & Sociedade**, Campinas: SP, vol. 26, n. 91, p. 61-378, maio/ago. 2005.

_____. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel J. CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Lisboa, ASA Editores, 2004, p. 9-34.

SOARES, Edimara G. **Do quilombo à escola: os desafios nefastos das violências sociais silenciadas**. 2008. Dissertação de Mestrado – UFPR, 2008.

SPINDOLA, Arilma M. A. **A cultura da criança quilombola: leitura referenciada em estudo, relatos orais e imagens**. 2008. Dissertação de Mestrado em Educação – UFMS, Campo Grande: MS, 2008.